



## A MISSÃO DOS LEIGOS NA CONVERSÃO DO MUNDO

### I - Os problemas do mundo em que vivemos


Basta um olhar atento aos jornais, basta ter a alma aberta ao que se passa à nossa volta, para se sentir, com toda a força duma evidência viva, que vivemos num mundo de múltiplos problemas.

E não são unicamente, como aconteceu talvez no passado, pequenos problemas locais ou pessoais, sem grande repercussão. Hoje, os problemas equacionam-se imediatamente num espaço muito amplo e modelam a fisionomia angustiante dum mundo em plena transformação.

Vemos por certo à nossa volta homens que morrem de fome ou que vivem abaixo da dignidade do homem, mergulhados em miséria e dor. Em cada ano morrem de fome no mundo muitos milhões de homens (só na China, cerca de 20 milhões). Vemos que a repartição da riqueza está longe de ser justa e perguntamo-nos qual será o destino dum país como o Salvador, na América Central, em que toda a riqueza está nas mãos de quarenta famílias enquanto toda a população vive na maior miséria. Parece-nos haver aí um absurdo imenso que comodamente atribuímos a uma entidade abstracta que chamamos "o capitalismo".

Vemos à nossa volta a mais completa ausência de sentido cívico, o abandono da integridade na coisa pública, a demissão das responsabilidades, a crítica sem consequências positivas que se faz descuidadamente à mesa do café, a carência de gente que sinceramente, devotadamente, e com competência, queira ajudar a edificar a comunidade.

E sabemos que não se trata de um ponto isolado no mapa político mundial. Assistimos a uma insegurança política como nunca houve na

 História, no mesmo período em que continentes até agora adormecidos na cena mundial, como a Ásia e a África, passam a ter um papel decisivo no destino dos povos. Sabemos que 1/3 da humanidade vive sob regime comunista. Sentimos a gravidade das soluções que se propõem como a força e consequências das ideias que se defrontam, conduzindo a humanidade a um futuro que não somos capazes de prever.

Sentimos, no aparente fatalismo dos problemas económicos e políticos, a ausência de uma vida do espírito suficientemente forte, capaz de fazer face, com toda a lucidez, aos múltiplos dados novos do nosso tempo. Andam as preocupações culturais dos homens por interesses rotineiros ou descabidos, presos a formas sem beleza e sem conteúdo.

Dá que tão facilmente se aceitem e se apreciem programas de rádio sem qualquer nível, órgãos de imprensa mais feitos para alimentar o gosto da intriga do que a compreensão dos outros, literatura vazia e pobre. É certo que tais atitudes não se definem unicamente num plano muito geral nem decorrem só dum gosto pseudo-intelectual por determinadas formas bem definidas. Andam a par com atitudes morais bem definidas também. A desmoralização progressiva dos costumes, acentuada pela concentração nas grandes cidades, o apelo à vida dos sentidos cada vez mais frequente e comercialmente organizado (e basta ver os cartazes e as revistas de cinema), a participação crescente da mulher na vida do trabalho sem o fundamento do respeito pela sua dignidade própria e pela sua missão específica na vida social, a instabilidade da família, conduzindo facilmente a todos os problemas de moral conjugal e à delinquência infantil - são aspectos duma concepção da vida que modela as consciências, informa as novas gerações e acaba por transformar as estruturas e condições sociais. Não admira, pois, que esse mundo em plena transformação seja o palco de numerosas contradições. E que dele



venha uma interrogação e um apelo.

Interrogação na boca de todos os homens - qual o sentido último da nossa procura, da nossa inquietação, dos nossos erros e das nossas falhas.

Resposta objectiva a esta interrogação, não podemos ir buscá-la a intuições vagas ou a ciências parcelares. É à Igreja, depositária da Verdade Absoluta, presença viva do Verbo entre nós, que devemos ir buscar a resposta.

Tal é o significado cristão da complexa fisionomia do mundo em que vivemos. Mas essa resposta que a Igreja nos dá não tem unicamente um sentido de explicação. É também convite a um compromisso na obra da Redenção. E é nesse convite que a Igreja responde ao apelo do mundo.

### III - A Igreja perante os grandes problemas do mundo de hoje - sentido cristão da História

que significam para a Igreja todos os acontecimentos e todos os problemas que se levantam ao longo do tempo ou numa determinada época? Tal é a pergunta fundamental que o católico terá de fazer ao olhar a fisionomia conturbada deste mundo.

Os problemas que se põem, a agitação que surge aqui ou além, não têm uma finalidade em si próprios nem são sectores dum círculo fechado. Os acontecimentos do mundo político, económico, social, cultural são a expressão, eivada do limitado e do erro dos homens, de qualquer coisa que os transcende. Ao definirem-se e concretizarem-se, transmitem uma história que não se circunscreve às circunstâncias, mergulham fundo num mistério que está para além do simples exame lógico dos factos.

A História Santa é a história do povo escolhido por Deus. Desde o princípio da vida humana sobre a terra, Deus estabelece uma aliança com a humanidade. Todo o Antigo Testamento não é mais do que os primei-

ros passos dessa aliança, ora comprometida, ora difficilmente seguida numa tentativa de fidelidade construida sobre as grandezas e falhas dos homens. Essa história prepara e prefigura a vinda de Cristo. É Ele que explica todo o universo criado, é Ele que explica o homem. O homem-indivíduo e o homem - humanidade inteira. Para Ele tudo converge ao longo do tempo e n'Ele se ratifica, em toda a pureza, a aliança de Deus com o Seu povo. Quando sofre e quando ama, quando luta e quando espera, a humanidade prepara em si o caminho para o Cristo, não segundo um determinismo absoluto, mas segundo um encontro, misteriosamente fecundo, do Amor de Deus e da liberdade dos homens. A vinda de Cristo é o único acontecimento histórico com sentido em si mesmo, o único que não carece de ser explicado, o único que explica tudo o mais.

Toda a história antiga o precede, preparando, nas mil e uma hesitações do povo judeu, a vinda do Filho de Deus. Mas também depois d'Ele toda a história só n'Ele se explica. A aliança de Deus com o Seu povo, ratificada em Cristo, continua ao longo dos tempos. O Espírito Santo, que sustenta e vivifica a Igreja, desenha, através do balbuciar dos homens, o prolongamento da História Santa. Católicos do século XX, dispersos em mil e uma actividades quantas vezes sem sentido, conscientes da nossa própria mediocridade, perdidos na nossa satisfação pessoal, nós somos o povo escolhido por Deus; conosco se faz a História Santa.

E a história dos nossos dias e os problemas que inquietam o mundo e o aparecimento da África no concerto das nações, são aspectos dessa mesma história, pedras com que ela se constroi.

A atitude da Igreja perante o mundo actual não é, por isso, outra senão a de tornar visível, no tactear dos homens, o plano escondido de Deus e de, em cada momento, mostrar o caminho para que das lutas e das aspirações dos homens nasça o verdadeiro plano de Deus sobre





o mundo.

Tal é a missão da Igreja - tal é de forma especial a missão dos leigos comprometidos nas várias esferas da actividade humana. Em cada sector há um caminho certo a procurar - no conjunto dos problemas há uma solução certa a descobrir, uma verdade a revelar.

A Igreja está longe pois de se confinar aos actos do culto ou mesmo a uma forte doutrina moral. Ela é expressão duma vida - Vida do próprio Cristo na comunidade dos homens. Por Ela completa-se a Redenção, n'Ela se realiza o Cristo total.

Mas o Cristo total toma forma ao longo dos tempos até à segunda vinda que há-de culminar o fim da história. Então Ele aparecerá glorioso entre os homens e as nações se congregarão à volta d'Ele.

Resolver os problemas que se põem no plano internacional numa perspectiva cristã é apressar a vinda de Cristo, é contribuir para que se apresse o "mistério da salvação das nações" de que insistentemente nos fala o P. Daniélou nos seus excepcionais livros.

Tal é o apelo que nos vem do mundo de hoje, tal é o significado da complexa fisionomia que o mundo nos apresenta.

Vivemos, pois, não numa sociedade estáticamente presa a concepções e a métodos, mas vivemos numa comunidade que toma corpo, presença do próprio Cristo no mundo, tanto mais patente quanto mais cada homem se Lhe identificar.

E, nesse caminhar para a vinda de Cristo, a Igreja é a Esposa que se reveste do manto multicolor de que nos fala o Apocalipse. Ela não é uma pequena Igreja, confinada à paróquia ou a meia dúzia de santas almas que conhecemos. Ela não estará completa senão quando nela se reunirem todas as nações. Então a unidade que hoje é tentativa, reflexo incerto, tornar-se-á realidade profunda. Unidade que não significará

o aniquilamento de valores de uns em benefício de outros, mas será o pleno florescimento dos dons próprios de cada povo na harmonia do concerto universal das nações. A Igreja será tanto mais rica quanto mais verdadeiramente nela se inserir cada povo e cada raça, com os seus costumes, seu perfil psicológico, seus valores culturais.

### III - A acção dos leigos, resposta da Igreja ao apelo do mundo

Neste caminhar para o fim dos tempos, na realização da Redenção que se vai completando, a Igreja entra em verdadeiro diálogo com o mundo. Cada acto humano, cada estrutura social que determinam a fisionomia do mundo, são um pretexto e uma exigência para o diálogo constante. Cada esfera da vida tem de ser inundada de graça, santificada...

A Igreja, pertencendo à ordem sobrenatural, constroi-se no mundo incarnado em que vivemos. Não se forma o reino de Deus com pinceladas de cristianismo ou com uma espécie de "secção" religiosa na vida de cada homem.

O leigo no mundo tem de ser a presença viva da Igreja estabelecendo o primado do sobrenatural e inserindo no sobrenatural as realidades temporais. Essa a sua grande missão.

Ao definir deste modo a missão do leigo, denuncio dois erros bastante comuns que tocam na missão mesma da Igreja.

O primeiro é o seguinte : preocupados com o bem e o progresso da humanidade, julgariam muitos ver na Igreja a solução humana de todos os problemas. Ora a missão do leigo, e, portanto, de todos os cristãos, é essencialmente religiosa. Não é económica nem social, política ou cultural, numa forma directa. É a plenitude do reino de Deus que se procura, é a sua expansão e o seu alargamento.

Vivendo do próprio Cristo e tendo n'Ele a sua razão de ser,



Fundação Cuidar o Futuro

a missão essencial da Igreja é a de ser para Ele a Esposa santa e imaculada. A missão da Igreja é, pois, por um lado a de levar cada homem à união profunda com Cristo e, por outro lado, a de estabelecer entre os homens uma perfeita comunhão. Quer dizer, a primeira missão da Igreja é a de gerar a Igreja, de a fazer viver, de a propagar, de a fazer frutificar nas obras próprias da fé, da graça, do Evangelho. Como notou o Cardeal Montini na conferência que pronunciou quando do II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, "a primeira consequência que daí decorre é de que a Igreja tem nela própria o fim imediato da sua missão. De certo modo, a Igreja tem em si mesma o seu próprio fim. A Igreja não serve nenhum outro objectivo a não ser aquele que é imanente à afirmação da sua própria existência. A Igreja deve trabalhar directamente para si própria, não porque se baste egoístamente ou porque queira limitar a bondade e actividade dos homens, mas porque contém em si uma forma de vida única, superior, integral, da qual as formas de vida temporais e humanas podem alimentar-se não como um meio ao seu serviço mas como princípio de que decorre a sua própria perfeição".

Esta ideia é essencial na missão apostólica do leigo. Chamado a colaborar na missão da Igreja, o leigo não pode perder de vista esta realidade. É pela fé que se converte o mundo. É fácil alegarem-se todos os problemas a que me referi no começo para se dar prioridade a uma obra de redenção humana cuja demora na realização permite encontrar uma escusa para se cruzar os braços. A evangelização cristã é sempre primariamente uma obra de redenção religiosa.

Na sua vida de todos os dias - familiar, profissional, social - deve o leigo levar o primado do reino de Deus e os valores que o informam. Deus como princípio e fim de toda a criatura, revelado por Cristo e continuado na Igreja e o homem como objectivo de toda a vida so-



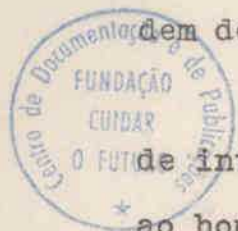
cial, são os dois polos a partir dos quais os valores cristãos se podem desenvolver.

O segundo aspecto diz respeito ao direito que assiste à Igreja de intervir em todos os sectores da vida humana. Nada do que pertence ao homem pode ser-lhe estranho - a Redenção envolve toda a vida humana. O sobrenatural não é senão o coroamento, noutra ordem é certo, do natural, do pleno florescimento das virtudes do indivíduo e da perfeição das instituições. Por isso o leigo no mundo tem de procurar que cada sector da vida humana, como cada actividade, atinja a sua perfeição máxima. Isto supõe que o leigo na família vive a certeza de que participa numa comunidade que é a base da sociedade e da Igreja e que lhe dá a solidez que tal instituição exige. Supõe, também, que o leigo, em qualquer tarefa profissional, afirma uma competência e um zelo inexcusáveis, tornando-se por isso capaz de resolver todos os problemas que se põem à sua escala e contribuindo assim para o desenvolvimento harmónico da sociedade.

No domínio político ou económico, social ou cultural, o leigo deve colaborar sempre que esforços reais de boa vontade procuram sinceramente o bem de todos os homens. Cabe-lhe mesmo tomar a iniciativa de tais esforços, vivendo no mundo a dimensão comunitária que caracteriza a Igreja.

É evidente que esta presença plenamente humana nas instituições é indispensável em toda a acção do leigo, por definição comprometido no mundo. Aí começa a missão que dentro da Igreja cabe especialmente aos leigos - a "consecratio mundi", a consagração do mundo, a santificação, por dentro, de todas as estruturas e instituições.

Esta consagração do mundo vai ainda mais longe. O leigo é chamado a um apostolado activo, a orientar a sua actividade para o sector



Fundação Cuidar o Futuro



que mais necessita da sua presença cristã, a uma abertura total à orientação da Hierarquia levando-a às estruturas mais afastadas. A sua acção movimenta-se sempre na periferia onde a autoridade eclesiástica difficilmente pode chegar.

Tal apostolado, é bom insistir, não é porém uma actividade livre, mas uma colaboração; e será tanto mais perfeito quanto mais for marcado dum sentido maior da hierarquia e da comunidade e mais estreitamente ligado àqueles que o Espírito Santo constituiu Bispos para governarem a Igreja de Deus.

Esta acção apostólica tem de ser um esforço constante de presença, de colaboração e, muitas vezes, de luta. De forma especial, num mundo em que tantos e tão decisivos problemas se jogam, esta acção tem de ser planeada, estudada e levada até ao fim com um rigor extremo para ser na verdade eficaz.

Insisto na efficácia porque me parece que corremos muito frequentemente o risco de informarmos toda a acção apostólica de uma mística de fracasso. A Cruz que é o sinal vivo da Igreja não se reduz às dimensões falhadas da nossa acção medíocre ou mal planeada. Ela é sobretudo a dor invisível, o sofrimento íntimo pela Redenção, a palavra de Deus a exigir o sacrificio de cada instante. Ergue-se com a mesma exigência e a mesma austeridade na acção cujos frutos se não vêem como na afirmação mais gloriosa da grandeza da Igreja. So não se identifica com o insucesso que a nossa incúria ou desleixo provocaram.

Esta efficácia da acção é exigida pelos tempos presentes, sobretudo quando a colaboração com os homens de boa vontade é um dever inadiável do cristão.

Neste domínio, é particularmente urgente toda a acção tendente ao estabelecimento da justiça em todos os grupos humanos como condição



Fundação Cuidar o Futuro

de paz na sociedade contemporânea. Não se reduza porém tal tarefa à esfera dos políticos ou dos governantes. Falo da justiça que cabe a cada um de nós criar em todos os domínios, e que se baseia na firme convicção de que cada homem é único e insubstituível no plano de Deus e de que somos todos profundamente solidários no Corpo Místico.

É óbvio que a acção a realizar, para ser eficaz, tem de ser constantemente alimentada por uma cuidada preparação. É especialmente urgente e inadiável a formação da juventude que constitui hoje a primeira preocupação da Igreja no mundo inteiro. Há um princípio na missiologia que raramente aplicamos ao apostolado em terras que não consideramos de missão. O princípio é este : normalmente um cristão plenamente consciente e responsável não se forma numa só geração. São precisas três gerações para o formar. Este princípio põe em evidência a necessidade de rapidez na formação da juventude e a projecção futura de uma acção de que necessariamente se não vêem os frutos.

Mas esta mesma formação da juventude não é possível sem um esforço sério de formação de todos os leigos. É certo que a própria acção apostólica é um elemento essencial da formação, pelas responsabilidades que cria e pelas exigências que põe não só à inteligência mas à personalidade toda. Por isso é insensata a desculpa que habitualmente se dá de falta de formação para se não aceitar uma responsabilidade apostólica.

Mas há sem dúvida uma formação que deve buscar-se directamente e enquanto tal. Vou apontar os aspectos essenciais dessa formação :

- 1) em primeiro lugar, o aprofundamento duma vida espiritual baseada na oração, em que haja um enriquecimento constante de união com Deus e um crescer na vida da graça;
- 2) em segundo lugar, um aprofundamento doutrinal. A cultura religiosa do



Fundação Cuidar o Futuro

leigo deve, pelo menos, andar de par com a cultura que se possui nos domínios profanos. Não chega o catecismo que se aprende aos dez anos. Se, para exercer capazmente uma profissão, são necessários anos e anos de estudo e uma actualização constante, como pode pensar-se em se ser apóstolo quando se vive duma fé primária e raramente se procura alcançar maior conhecimento da vida cristã ?

3) em terceiro lugar, é necessário um conhecimento do mundo de hoje e das suas necessidades. Tem o leigo de, a cada momento, estar atento ao que se passa à sua volta, às novas condições do meio em que vive, às tendências que se manifestam na vida cultural e social, aos novos métodos de acção que é necessário utilizar.

4) finalmente, essa formação tem de ter uma dimensão internacional.

A Igreja é uma e universal e é necessário que o leigo o sinta em cada aspecto da sua vida.

Aliás, nesta revisão do seu próprio trabalho, a que a A.C.P. se dedica este ano, não podemos desligar-nos do que se passa no mundo. O apostolado leigo é uma das maiores realidades do mundo actual. Em todos os continentes, sob todas as formas, milhares e milhares de leigos de todas as raças e culturas trabalham devotadamente e generosamente pelo Reino. Desenham-se exigências novas, descobrem-se métodos mais eficientes, encontram-se fórmulas mais vivas e adaptadas aos tempos presentes. Caminha-se para uma unidade de todos os apóstolos leigos constituindo uma frente única e orgânicamente estruturada ao serviço da Igreja sob a orientação da Hierarquia.

A missão dos leigos surge-nos, pois, não como qualquer tarefa que se desempenha automaticamente, mas como a concretização de uma exigência muito grande cujas raízes são muito fundas.

Na verdade nem a acção é eficaz nem a formação atinge o mais



Fundação Cuidar o Futuro

fundo de nós mesmos, por muitos livros que se leiam e por muitas conferências a que se assista, se tudo isso não derivar de uma atitude fundamental - o amor. O amor é o fundamento de todo o apostolado.

#### IV - O amor como base do apostolado leigo

É o Senhor mesmo que o diz : "Dou-vos um mandamento novo - que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei".

Que significa tão tremendo mandamento ?

O apostolado será então o transbordar do amor em profunda e total união com Cristo.

Para terminar, gostaria de resumir o que disse. Vou fazê-lo, lendo a tradução de uma poesia escrita por uma rapariga inglesa e publicada na revista do Graal, movimento internacional de apostolado feminino a que pertença

## Fundação Cuidar o Futuro

Aveiro, Festa de Cristo-Rei - 1958

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

